



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Antes da epidemia chegar: um estudo etnográfico do “risco” performado nas políticas de prevenção, controle e vigilância do Aedes aegypti em Porto Alegre
Autor	NATHÁLIA DOS SANTOS SILVA
Orientador	JEAN SEGATA

Título do trabalho: Antes da epidemia chegar: um estudo etnográfico do “risco” performedo nas políticas de prevenção, controle e vigilância do *Aedes aegypti* em Porto Alegre.

Autor: Nathália dos Santos Silva

Orientador: Jean Segata

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta pesquisa tem como tema as políticas de prevenção, controle e vigilância do mosquito *Aedes aegypti* implementadas pelo município de Porto Alegre, cuja especificidade está no combate ao vírus e não aos mosquitos. Buscando abordar as políticas a partir de suas materialidades, o objetivo é fazer um estudo etnográfico do risco epidêmico performedo no contínuo monitoramento de lugares, pessoas e mosquitos realizado pela política. Ainda em andamento, o estudo pretende caracterizar o sistema de vigilância e os dados produzidos (notificações, mapas, gráficos, tabelas, índices), descrever as redes sociotécnicas que sustentam esses dados e a forma como são compostos, atentando aos seus “percursos” no interior da política e às outras redes que sustentam.

Tenho como horizonte teórico discussões sobre regimes disciplinares e biopoder, realidade múltipla, redes sociotécnicas, biovigilância, comunicabilidade de epidemias e outros temas abordados no campo da Antropologia Relações Humano-animal e da Antropologia da Ciência e da Técnica. Metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica, que privilegia os métodos da análise de documentos, entrevistas e observação participante. O campo de estudo se inicia pela Assessoria de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) e da Coordenadoria Geral de Vigilância em Saúde (CGVS) da Prefeitura de Porto Alegre, tendo como ponto de partida os dados do monitoramento do *Aedes aegypti* disponibilizados pela Assessoria ao público geral através do site (<http://ondeestaoedes.com.br/>).

Até aqui, cabe salientar que os índices de risco divulgados são um compósito de dados, resultante de informações geradas pela tecnologia do *MI-Aedes* (Monitoramento Inteligente do *Aedes aegypti*) e registros de casos clínicos confirmados na cidade. O *MI-Aedes* foi criado por uma empresa de biotecnologia e bioinformática localizada em Minas Gerais que captura amostragens da população de mosquitos (em bairros determinados) para análise laboratorial e dispõe às equipes técnicas os dados resultantes. Georreferenciadas, as classificações de risco geradas nesse arranjo de dados sinalizam o perímetro indicado para intervenções.

Embora Porto Alegre tenha apresentado números preocupantes de casos autóctones de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti* em 2016 (em sua maioria, dengue), em 2017 foram registrados apenas casos importados e, neste ano, não foi reportada captura de mosquitos infectados pelo vírus. Mesmo sem vírus, o site divulga a “condição ‘alerta’ de infestação”, classificação gerada pelo “Índice Médio de Fêmeas de *Aedes aegypti* coletadas”: uma estimativa da densidade populacional dos mosquitos. Nesse caso, sem sinal da epidemia viral, o sistema monitora suas chances de ocorrer em função da quantidade de vetores (mesmo não infectados), atuando na “antecipação” de uma epidemia que existe como “ameaça”. A hipótese é de que o “risco” monitorado tem sido o “risco da convivência” com o mosquito (na medida que sua classificação remete à densidade populacional do vetor), sendo esse o indicador de alerta epidêmico, e não a presença do vírus.

O estudo ainda está em andamento e pretende, dessa forma, contribuir para os debates relacionados à dicotomia Natureza-Cultura, às relações entre humanos e não humanos, às tensões entre o global e o local e às relações entre práticas científicas e políticas públicas, justificando-se no contexto do Grupo de Estudos Multiespécie, Microbiopolítica e Tecnosocialidade (GEMMTE) da UFRGS, do qual sou integrante.